

CULTURA



António Valdemar *

Nos mares ainda desconhecidos e nas terras ainda ignoradas, a aventura de Fernão Mendes Pinto é relatada na *Peregrinação*, tem a fluência, a agilidade e o imprevisto de uma grande reportagem.

Foi tudo o que quis ser e também foi aquilo que as circunstâncias o obrigaram a ser: mercador nos confins do Oriente, “a subir e descer as vias de água” no Mar Amarelo; soldado, cortesão, mendigo e pirata. Ele próprio resumiu: “treze vezes cativo e dezassete vezes vendido”. Como se isto não bastasse, Fernão Mendes Pinto foi jesuíta, mas despiu a roupeta quando entendeu. Voltou a ser um homem livre.

Era natural de Montemor-o-Velho. Pertencia a uma família humilde. Até aos 10 ou 12 anos - confessa na *Peregrinação* - encontrava-se “na miséria e estreiteza na casa do pai”. O apelo da distância incutiu-lhe o espírito da aventura. Correndo riscos e sobressaltos decidiu libertar-se de um ambiente sem futuro. Tinha um primo na Índia. Embarcou numa caravela com destino a Setúbal. A certa altura o barco foi aprisionado por corsários franceses.

Os passageiros, açoitados, roubados e todos nus, conseguiram chegar à praia alentejana de Melides. Esta foi a primeira grande provação que o atingiu, até seguir para a Índia. Tinha 18 anos incompletos e a partir de Março de 1537, e por 20 anos, confrontou-se com as maiores incertezas e os mais diversos imprevistos, quantas vezes em luta fonal com a morte.

Várias gerações de investigadores, em arquivos e bibliotecas portuguesas e estrangeiras, ocuparam-se da autenticidade do texto da *Peregrinação* para esclarecer localizações geográficas, factos históricos, as relações com a Companhia de Jesus, os contactos com Francisco Xavier. Um facto, porém, é notório e surpreendente: há omissões e saltos no texto, no decurso da sequência da narrativa.

Até ao fim da vida - e mesmo depois da morte - Fernão Mendes

A GRANDE REPORTAGEM À VOLTA DO MUNDO



Pinto ficou sob a vigilância dos Jesuítas. Ao saberem que redigia a *Peregrinação*, a pretexto de uma consulta, os Jesuítas são acusados de retirar do manuscrito do livro inúmeras referências de tudo que diz respeito à Companhia de Jesus. Assim se pronunciaram, em obras, devidamente fundamentados, vários historiadores e ensaístas, entre os quais António José Saraiva que publicou estudos de consulta obrigatória.

REGRESSO A PORTUGAL

Ao voltar a Portugal, Fernão Mendes Pinto passou pelos Açores. Tal como se verificou com Vasco da Gama e Luís de Camões, esteve, possivelmente, na ilha Terceira. Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra* (livro VI) foi categórico ao afirmar que a baía de Angra era, em pleno Atlântico, a “universal escala do mar poente e por todo o mundo celebrada”.

Chegou Fernão Mendes Pinto a Lisboa a 22 de Setembro de 1558. Reinava D. Sebastião. Houve a catástrofe de Alcácer Kibir; a atribulada regência do Cardeal D. Henrique e, finalmente, a invasão espanhola. É nesta conjuntura de tragédia e de intrigas, de falta de carácter e de coragem política que, durante quatro anos e meio

procurou retomar a vida casado e com filhos instalou-se na margem sul do Tejo.

Adquiriu uma casa no Pragal, onde escreveu muito do que viu, do que ouviu e lhe aconteceu do Extremo Oriente: na Abissínia,

“

Era natural de Montemor-o-Velho. Pertencia a uma família humilde. Até aos 10 ou 12 anos - confessa na Peregrinação - encontrava-se “na miséria e estreiteza na casa do pai”. O apelo da distância incutiu-lhe o espírito da aventura.

na Arábia, em Malaca, em Java, no Pegu, em Sião, na China e no Japão, até regressar a Portugal. Contemporâneo de Camões, nasceu antes de Camões (1509/1514 - 1583) e faleceu depois de Camões (1524/1525- 1579/1580). Mas ultrapassou o itinerário de Camões no Oriente, a fome e outras fatalidades que o atingiram o poeta em Goa e em Moçambique.

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto faz parte das obras indicadas como paradigmas da

literatura de viagens na expansão marítima, nos séculos XVI e XVII. Porventura um caso único em Portugal e no mundo, numa análise comparativa perante, *Os Lusíadas*, as *Décadas*, o *Soldado Prático*, até à *História Trágica Marítima*.

“FASCINAÇÃO IRRESISTÍVEL”

Entre as obras e escritores portugueses que Teixeira Gomes mais considerava incluía Camões: “o melhor exemplo de uma repentina e salutar renascença, de pureza de formas e claridade de ideias e de estilo”. Embora o grande público continue a ignorar que “foi e é o maior autor dos tempos modernos”. Mencionava depois Fernão Mendes Pinto “figura que, no meu espírito, sempre exerceu fascinação irresistível, e pela qual conservo ainda hoje a mesma admiração”.

“Não é só pelo encanto das suas peregrinações” - insistia Teixeira Gomes - “mas, sobretudo, pela graça, e cristalina simplicidade do seu estilo, que parece de agora, e pela riqueza e propriedade dos seus vocábulos. Ele introduziu na nossa língua centenas de preciosos e úteis neologismos, que ficaram”.

A *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto redigida com a

fluência, a agilidade e o imprevisto que deparamos numa grande reportagem é, sem dúvida, uma das obras mais notáveis da literatura portuguesa e da literatura universal. Encontra-se traduzida nas principais línguas

“

A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto faz parte das obras indicadas como paradigmas da literatura de viagens na expansão marítima, nos séculos XVI e XVII. Porventura um caso único em Portugal e no mundo, numa análise comparativa perante, Os Lusíadas, as Décadas, o Soldado Prático, até à História Trágica Marítima.

européias. Revela o homem em toda a sua dimensão e em todas as circunstâncias. A cada momento, transmite-nos, com “a simplicidade sempre tão difícil de conseguir” o que lhe aconteceu no contacto directo com o mundo. ■